

O ESOTERISMO

UMA ABORDAGEM HERMENÊUTICO-CONCEITUAL

Otávio Santana Vieira*

Resumo: O presente artigo consiste em uma reconstrução histórica e conceitual do *esoterismo*, suas origens, aplicações e, sobretudo, do *sentido* (tanto no significado, como no histórico) atribuído a ele pela *tradição*. O estudo do *esoterismo* propõe o retorno de um conhecimento rejeitado pelas tradições hegemônicas, mostrando que se pode estudá-lo de maneira lúcida, concisa, e dentro de seu próprio rigor metodológico. Trata-se aqui de uma introdução ao assunto, não se atendo a discutir temas ditos *esotéricos*, mas ao estabelecimento de um campo de estudo e uma tentativa de semear o interesse de pesquisa neste campo que cresce consideravelmente.

Palavras Chaves: *Esoterismo; Tradição; Ocidental; Antoine, Faivre; Philosophia Perennis.*

INTRODUÇÃO: O Esoterismo Ocidental

A chamada “Tradição Esotérica Ocidental” (*Western Esotericism Tradition*) é um recente campo de pesquisa acadêmica¹, porém esta “tradição” não é nada nova, nem mesmo uma moda moderna, nem pretende ser uma reação ao cientificismo ou ao empirismo. Para que possamos entender o que se designa por tal nome precisamos, antes de tudo, definir o que vêm a ser *tradição* e *ocidental*, além de *esotérico* e *esoterismo*.

Antes o *esoterismo* era estudado como pertencente a assuntos teológicos; entretanto, com o estudo sistemático e a adoção de métodos apropriados – e contando com publicações sérias sobre o assunto – passou a designar um campo de pesquisa autônomo (o “ismo”) com sua própria abordagem. Mas porque deveríamos estudar a “Tradição Esotérica Ocidental” (TEO)?

Aquilo que chamamos “ocidente” refere-se a todo o conjunto greco-latino e judaico-cristão, ambos “visitados pelo islamismo” na antiguidade e medievo (FAIVRE, 1994, p.12). Em filosofia a questão envolvendo o ocidente sempre suscitou a relação de antagonismo entre ocidente e oriente. Não somente geográfica, mas, sobretudo, baseada em visões de mundo e contraposições culturais, os partidários do que ficou conhecido como “milagre grego” e os chamados “orientalistas” criaram uma dicotomia envolvendo as duas metades do mundo. Diferentes interpretações foram dadas para justificá-la e

* Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

¹ Notadamente em universidades europeias, fortemente na Holanda (University of Amsterdã), Inglaterra (University of Exeter), Alemanha, Suécia e França.

podemos distinguir duas: A primeira atribui um valor negativo ao oriente e positivo ao ocidente, pois o oriente seria um “ainda-não do ocidente”, atrasado, despótico, comunitário e religioso, enquanto o ocidente seria o desenvolvido, livre, societário, secularizado. A segunda atribui um valor negativo ao ocidente e positivo ao oriente, para eles, o oriente é o lugar por excelência da sabedoria, da espiritualidade, enquanto o ocidente é o deserto do materialismo, do cientificismo, do pragmatismo tecnológico, etc. (ABBAGNANO, 2007).

A chamada “Tradição Esotérica Ocidental” compreende, segundo Faivre, o mundo latino a partir do final séc. XV, o Renascimento e o resgate de correntes filosóficas e religiosas helenísticas tais como o gnosticismo, o hermetismo, neopitagorismo, estoicismo (FAIVRE, idem p.12), como também o neoplatonismo, a cabala e a alquimia.

Nomes como Marcílio Ficino e Pico della Mirandola estão intimamente envolvidos tanto com o ressurgimento das filosofias pagãs, como do intercambiamento entre elas. Com Pico della Mirandola vemos a complementaridade entre a cabala, o cristianismo e o hermetismo alexandrino, e com Ficino a tradução da *Hermetica*², atribuída a Hermes Trismegisto.

É no Renascimento que surge a ideia – recorrente no esoterismo – da unidade ou consonância entre as doutrinas, o que evoca a ideia da *philosophia perennis*: autores que trariam no âmago de suas doutrinas origens comuns, embora expressas de diferentes maneiras, porém conciliáveis entre si. A esta “perenidade” alguns autores desde o séc. XIX chamam de “Tradição”.

No contexto do pensamento esotérico, a noção de Tradição remete a uma ideia que surge de uma *Tradição* espiritualmente superior que perdura desde os inícios do pensamento até hoje por meio de inspiração divina ou grupos iniciáticos (HANEGRAFF, 2006, p.1125) (cf. *philosophia perennis, prisca theologia*).

A abordagem hermenêutica pretendida neste trabalho propõe traçar a história do conceito de *esoterismo* e seu uso, compreendendo sua “via crucis”, seu julgamento, condenação e resgate. O *sentido* que nós e os autores clássicos (o apoio da tradição documental) atribuímos ao termo será a medida e a base para a compreensão, ao menos provisória por não se pressupor definitiva, de nosso objeto de estudo. A parte do método

² O que aqui chamamos *Hermetica*, ou *Corpus Hermeticum*, trata-se da compilação de vários textos, incluindo o *Poimandres*, o *Asclépio*, os fragmentos e testemunhos de Estobeo, entre outros autores e notícias de alguns neoplatônicos no período helenístico e cristão da filosofia antiga. Ver bibliografia.

próprio ao esoterismo ocidental trata-se de um esboço para futuras abordagens desde “dentro”, e conseqüentemente, melhor compreensão dos temas pertencentes à Tradição e a complexidade que requer mais aprofundamentos em sua abordagem.

O estudo do *esoterismo* não propõe justificar os conteúdos de uma determinada corrente da Tradição, nem mesmo verificar uma suposta realidade histórica desta em tempos imemoriais; trata-se tão somente de apreender ou investigar a “emergência dessa ideia nas imagens e discursos, isto é, por meio das formas que assumiu até hoje” (FAIVRE, 1994, p.13).

De minha parte propor o estudo do esoterismo significa trazer à luz um conhecimento “esquecido” ou “rejeitado”, não por que seja um caminho ideal, apenas porque é uma maneira pela qual o homem atribui *sentido* e constrói uma *visão de mundo* particular, ou - porque não? - uma maneira de conhecimento (uma nova ordem gnosiológica) ou uma construção onto-lógica própria.

1. Esotérico e Esoterismo.

Primeiramente devemos distinguir “esotérico” e “esoterismo”. A palavra “esotérico” é encontrada com muita frequência na literatura atual, e por esse motivo é a maior parte das vezes abordada sem o menor rigor. O uso inadvertido do termo causa confusão ao generalizar, por vezes, relacionando o *esotérico* com doutrinas exóticas, sistemas iniciáticos, ciências ocultas, entre outros - o que é o bastante para que a ciência moderna as taxe de falsas e nem sequer as considere ciências.

O primeiro a tentar resolver a problemática do termo *esoterismo* foi Antoine Faivre, professor da Sorbonne, em seu pequeno livro *L'ésotérisme* (1992). A etimologia do termo não sugere muito, ou melhor, é pouco explicativa: *eso* indica “para dentro”, *ter* uma oposição (FAIVRE, 1994, p.8), e o *ismo* um sistema. “Estar” ou “ir para dentro” sugere uma interiorização, voltar-se ao “interno”, porém “estar fora” ou “dentro” de quê? Pois a palavra *esoterismo* não indica algo específico, até mesmo pode significar uma infinidade de conteúdos. A tentativa de Faivre é circunscrever um campo de pesquisa possível. Porém, o *esoterismo* parece indicar mais uma “forma de pensamento” do que um “campo”. Faivre sugere investigar a natureza do *esoterismo* a partir de discursos que chamam a si mesmo de “esotéricos”, e os que implicitamente o dizem ser.

Em geral o termo *esotérico* indica “segredo”, “arcano”; algo isolado, misterioso ou reservado. Por exemplo, fala-se de doutrinas esotéricas de Platão e Aristóteles – o

sentido do termo “esotérico” (ἑσωτερικός) é atribuído a Aristóteles, porém ele usa apenas a palavra “exotérico”, a qual seria o oposto a acromático (ἀκρόαμα), que quer dizer “instrução oral” (cf. HANEGRAAFF, 2006, p. 336) – que eram ensinadas a discípulos escolhidos - ou dos ensinamentos das antigas escolas de mistérios reservados aos iniciados que deveriam percorrer um longo caminho de purificação. O termo “esotérico” aparece pela primeira vez com Luciano de Samosata³, contudo este termo só será associado a “segredo” em Clemente de Alexandria⁴, posteriormente, o termo aparece em Hipólito de Roma⁵, Orígenes e Gregório de Nissa.

Segundo Jean-Pierre Laurant o termo *esoterismo* aparece pela primeira vez em 1742 em um autor maçom⁶, e lá remete a um ensinamento interno, ou secreto, ministrado nas Lojas apenas aos seus integrantes (cf. LAURANT, 1995, p.12).

Hanegraaff, por outro lado, indica o ano de 1828 e ao autor Jacques Matter ao aparecimento do termo *l'ésotérisme* em seu livro *História crítica do gnosticismo e de suas influências*; seguido por Jacques Etienne em 1839, e Pierre Leroux. Em 1852 aparece no *Dicionário Universal* de Maurice Lachâtre (do grego *eisôtheo* entendido como princípio da doutrina secreta), depois popularizado por Eliphas Lévi em livros sobre magia, enquanto no inglês (*esoteric, esotericism*) é introduzido por A. P. Sinnett em *Budismo Esotérico* (HANEGRAAFF, 2006, p.337).

Aqui podemos perceber um sentido a ele associado, o do “mistério”, que torna o mundo uma experiência de aprofundamento, fora dos afazeres cotidianos, dos objetos comuns, *para* o insólito, em suma, para o extraordinário, ultrapassando os limites da linguagem e dos conceitos, e ingressa em um âmbito não comunicativo, ou no mundo do símbolo, do mito e do rito, da linguagem velada ou simbólica. Porém, esse sentido é muito restrito ou pouco significativo, pois muito do que se diz “esotérico” é restrito aos iniciados, cabendo apenas a eles o domínio apropriado do *sentido* e *transmissão* dos conteúdos “esotéricos”, sendo então muito problemático para os não-iniciados.

O *esoterismo* possui outros sentidos, como: 1) o de um caminho ou prática que dirige aquele que o segue a um lugar o qual conteria um tipo superior de conhecimento através do contato direto com a *tradição* (FAIVRE, 1994, p.10). As escolas ou correntes seriam um meio para alcançar esse lugar, tanto que o termo *esoterismo* poderia se referir tanto ao meio de alcançá-lo, quanto o lugar como tal que se quer atingir. Segundo

³ *Leilão de Vidas*. No livro Hermes e Zeus vendem filósofos. Os aristotélicos são vendidos “um” por “dois”, pois um veria para “fora” e o segundo para “dentro”, o primeiro exotérico, o segundo “esotérico”.

⁴ *Stromata*.

⁵ *Refutações a todas as heresias*.

⁶ La Tierce, *Nouvelles obligations et status de la très vénérable corporation des francs maçons*, 1742.

Faivre, esse lugar seria o mesmo alcançado por todos aqueles que o buscam, não importando sua orientação ou tradição (no sentido de transmissão) de onde particularmente partiriam. Isso demonstraria uma suposta unidade entre todas as tradições existentes. Ou, 2) o de conhecimento rejeitado, marginalizado por uma tradição hegemônica.

Seria, entretanto, no mínimo ignorância, ou ingenuidade, supor que tudo aquilo que é herético ou contrário a um conteúdo dogmático seja “esotérico”. Podemos perceber que as correntes ditas esotéricas surgem dentro de movimentos religiosos, da mesma maneira que vemos falar com certa frequência de “cristianismo esotérico” ou “budismo esotérico”, como sendo a versão marginalizada da doutrina oficial.

O caso do dogmatismo não é restrito à questão religiosa, mas atinge até mesmo o ambiente filosófico. Na tradição filosófica ocidental, tudo o que se diz “esotérico”, ou se aproxima disso, é rejeitado reiteradamente e taxado como irracional, contraditório ou como um problema superado, um velho quadro inútil da ignorância primitiva do homem (cf., por exemplo, a crítica de Theodor Adorno contra a astrologia, sendo esta instrumento de manipulação ideológica em *As Estrelas descem à Terra*, por outro lado, cf. Paul Feyerabend em *O Estranho Caso da Astrologia*; também “O Mundo Humano do Espaço e do Tempo”, In. *Ensaio sobre o Homem* de E. Cassirer). Sendo então tudo aquilo que não se encaixa no padrão “racional” ou do método não aceitável ou passível de estudo.

A questão que sugere “ir para dentro”, indica olhar “de fora” algo que desde a idade média estava inserido na Teologia (FAIVRE, idem). O jugo da Teologia acerca do *esotérico* o tornara periférico ou excluído; entretanto, o dismantelamento do lastro que sustentava a hegemonia da Teologia fez surgir um campo vasto passível de inúmeras abordagens, sem a necessidade da Teologia para acessá-la. Ou seja, foi primeiro necessário “ir para fora” do *teológico*, para acessar o *esotérico* por meio dele mesmo (o “interno”), ou seja, desde a perspectiva – no sentido mesmo de visão – do esoterista, recuperando-o do exílio, do claustro teológico.

Devemos muito aos humanistas renascentistas neste ponto, pois eles ousaram romper com o jugo teológico-escolástico para celebrar um verdadeiro casamento entre as doutrinas das religiões abraâmicas com as doutrinas hermético-filosóficas (cf. Pico della Mirandola, *Discursos Sobre a Dignidade do Homem*). O desprendimento da Teologia descortinou o campo de abrangência do *esoterismo*, e o mesmo ocorreu com a

ciência: ela se tornou autônoma. O conteúdo dito esotérico passou a designar assuntos de cunho metafísico, cosmológico e ético, fora do âmbito teológico.

Segundo Faivre, as fontes as quais constituem a Tradição Esotérica Ocidental podem ser distinguidas como grandes rios que deságuam no oceano do esoterismo moderno. Estas disciplinas ou ramos irrigam a Alquimia, a Astrologia e a Magia, sendo seus afluentes – usando a metáfora de Faivre (FAIVRE, 1994, p.14) os seguintes:

<i>Cabala cristã;</i>	}	<i>Alquimia;</i>
<i>Hermetismo neolexandrino;</i>		<i>Astrologia;</i>
<i>Philosophia perennis (Tradição Primordial);</i>		
<i>Paracelsismo;</i>		
<i>Naturphilosophie;</i>		
<i>Teosofia⁷ (séc. XVII);</i>		<i>Magia.</i>
<i>Rosacruzianismo;</i>		
<i>Sociedades Iniciáticas.</i>		

Todos os afluentes irrigaram, forte ou tenuemente, os três grandes rios do esoterismo. Todos eles mantêm relações entre si, como também com as tradições religiosas ou culturais que não podem ser totalmente separadas ou dissociadas, pois ambas são fontes para uma estrutura do imaginário esotérico, o que é bastante visível ao analisarmos profundamente estas obras. Há um distanciamento das questões teológicas, entretanto se mantêm as filiações religiosas (ou talvez espirituais) e culturais, aspectos mitológicos e sociais que envolvem toda a formação esotérica de seus componentes.

2. Os seis elementos fundamentais do esoterismo em Antoine Faivre.

Definir de maneira inequívoca quais são os conteúdos nos quais se adequa perfeitamente o termo *esoterismo* é bastante complexo, pois de maneira alguma se busca definir doutrinalmente o que venha a ser esotérico - nem é o objetivo defender que maneira deve ser a mais adequada para entender o esoterismo, privilegiando uma doutrina em detrimento de outra.

Ao menos podemos seguir a tentativa de Faivre, em sua já consagrada distinção, entre os quatro elementos fundamentais do esoterismo: (1) *as correspondências*; (2) *a natureza viva*; (3) *imaginação e mediações*; e a (4) *experiência da transmutação* (FAIVRE, 1994, p.17), além de outras duas que seriam elementos “secundários” ou “não-fundamentais”: (5) *a prática da concordância* e a (6) *transmissão*.

⁷ Não confundir com a expressão moderna de Teosofia, associada a doutrinas orientais, pela Sociedade Teosófica de H.P. Blavatsky (séc. XIX).

1. O elemento *correspondência* indica uma relação de interdependência, “*O que está em cima é como o que está embaixo...*”⁸, além de diferenciados níveis de existência, os quais estariam ligados ou interligados por meio de correspondências ou analogias (GOODRICK-CLARKE, 2008, p.8). Na literatura esotérica é comum encontrar correspondências entre microcosmos e macrocosmos, e associações entre metais, plantas e planetas, um elemento sendo remetido aos outros, criando assim uma rede praticamente infinita. Estas correspondências são quase sempre ocultas ou pouco reveladas. Este é o campo do mistério, do encoberto, do segredo. Faivre distingue dois tipos de correspondências: (a) as *visíveis* e as *invisíveis*. As visíveis são as que estão ligadas ao mundo natural, partes do corpo, plantas, metais, etc., com as regiões invisíveis do mundo celeste; as invisíveis tratam da correspondência entre (b) *o cosmos, ou a história, com o texto revelado*. Natureza e Escritura corroboram-se mutuamente, uma ajudando no conhecimento da outra (FAIVRE, 1994, p.18).

O estudo das correspondências indicaria uma dimensão na qual o contraditório, paradoxal ou indissociável se desfaria e encontraríamos a solução para os grandes problemas da existência. Deste modo, é demolida toda a estrutura lógico-aristotélica dos princípios de não-contradição, identidade e terceiro excluído⁹. A noção de correspondências sugere que a ordem cósmica segue uma estrutura não linear, diferente da lógica clássica. As relações de analogias e semelhanças podem variar facilmente de níveis ontológicos e/ou lógicos, por meio de redes interligadas ou hierarquias, alterando-se tanto ascendentes, quanto descendentemente – do macro ao micro, do “acima” ao “baixo”, e vice-versa.

2. A *correspondência* pode ser associada à ideia de uma *natureza viva*, pois a relação simpática que liga todas as coisas naturais é o elo da magia, onde o controle e emprego das forças estão ligados ao uso das *correspondências*. A ideia de uma *natureza viva* é o princípio mesmo da magia, particularmente no Renascimento. Do latim *magia* e do grego *magiké téchne*, “a arte dos *mágoi*” – os antigos magos persas – designava para os gregos um praticante de rituais privados que posteriormente passou a ser marginalizado e proibido (HANEGRAAFF, 2006, p.719). A crença em forças vivas ou animadas é chamada *animismo*, na qual se admite a ação ou causa às forças naturais animadas (salamandras, ondinas, silfos, gnomos).

⁸ O segundo princípio hermético, “princípio da correspondência”. Cf. Iniciados, Três. *O Caibalion*.

⁹ Sobre este tema ver “Aspectos da Semiose Hermética” in ECO, Umberto. *Os limites da Interpretação*.

Desta maneira podemos compreender o cosmos como um complexo, plural, com entidades hierárquicas continuamente animadas por uma energia viva (GOODRICK-CLARKE, *idem*). O domínio destas forças naturais costuma-se chamar *magia*. A prática da *magia* se faz por parte de instrumentos, amuletos ou talismãs, pelos quais o praticante se comunica com as forças celestes ou terrestres.

De origem oriental, difundiu-se no mundo grego e posteriormente no latino, tornando-se marginal na Idade Média e ressurgindo no Renascimento como parte da filosofia natural. As ideias básicas expostas aqui concordam com praticamente todos os autores da época, como Pico della Mirandola, Reuchlin, Agrippa, Paracelso, Fracastoro, Cardano e Della Porta, sendo a mesma ideia desdobrada pelo último, como também por Campanella (ABBAGNANO, 2007, p.733). A magia retorna ainda no Romantismo Alemão em Novalis, Goethe, etc. No final séc. XIX e metade do XX a magia torna-se então somente uma categoria de interpretação na sociologia e na psicologia. Do séc. XX em diante vemos um retorno da magia associado a movimentos como o neo-paganismo, wicca, new age, e correntes correlatas, como também pode ser incluída nos Novos Movimentos Religiosos (NMR).

No âmbito das sociedades iniciáticas modernas percebemos a predominância da magia na Ordem Hermética da Aurora Dourada e suas ramificações posteriores (A. O. Alfa et Omega [S. L. Macgregor Mathers], Sociedade da Luz Interior [Dion Fortune], Builders of the Adytum [P. Foster Case], Thelemic Order of the Golden Dawn, etc.), como também no movimento Thelemita (A.A. [Aleister Crowley], O.T.O – sistema maçônico que após Crowley passa a possuir um caráter mágico-cerimonial) ou em demais ordens ou práticas cerimoniais (Societas Rosacriana in Anglia, Elus Cohen).

3. A *imaginação* e a *mediação* pressupõem a interligação entre estas e as *correspondências* e as forças naturais. São destas interligações que surgem os ritos, símbolos, angelologias, etc. Faivre indica uma diferenciação importante entre o *esotérico* e o *místico*, no qual o primeiro inclui em seu sentido um “iniciador”, ou seja, aquele que transmite (*mediação*) um conhecimento ou prática, enquanto o segundo termo dispensa tais mediações (FAIVRE, 1994, p.19).

O esotérico visa, sobretudo, as *mediações* e revelações, pelo qual o uso da imaginação é essencial. Porém, isto não pode impedir que esoteristas possuam traços místicos ou vice-versa. Ainda sobre a imaginação, podemos perceber sua importância

não somente no âmbito da magia, mas em toda a experiência humana (cognitiva¹⁰, inventiva, religiosa). É com a imaginação que o homem estabelece uma intrincada estrutura significativa e explicativa do mundo¹¹. Faivre faz referência neste elemento ao que Henry Corbin chama de *mundus imaginalis*, um mesocosmo, um mundo intermediário o qual teria relação cognitiva e visionária (FAIVRE, 1994, p.20).

4. A *Transmutação* remete à “metamorfose”, ou seja, uma mudança que não é de um estado a outro, senão um movimento parcimonioso ou gradual. De origem alquímica, porém não possuindo o sentido restrito de processo laboratorial, senão no sentido original da palavra (*labor-oratorium, labora et ora*, trabalha e ora) no qual o processo que ocorre na matéria da Obra ocorre do mesmo modo no interior do operador. O sentido iniciático sugere o renascimento, o novo homem. Na alquimia a transmutação possui três estágios: o *nigredo*, o *albedo*, e o *rubedo*, que podem ser associados à *purgação, iluminação e unificação* na mística tradicional (FAIVRE, 1994, p.22).

5. Neste elemento secundário, Faivre insere a *prática da concordância* como o estabelecimento de pontos comuns entre diferentes tradições (uma indicação de laicidade do *esoterismo*). Este método de estudo, o comparativo, surge no séc. XV-XVI (lembrar a importância de Ficino e Pico della Mirandola) e retomando com mais força nos fins do séc. XIX (FAIVRE, *idem*).

É importante ressaltar o espírito de tolerância que existe no fato de se reunir diferentes tradições sem evidenciar suas particularidades, senão em suas convergências. Porém, o que Faivre pretende mostrar é que a convergência das tradições visa atingir uma *gnosis* que contenha, de maneira individual ou coletiva, o vislumbre de uma origem única da qual todas as tradições se ramificaram. O que se iniciou com o estudo de doutrinas orientais, o estudo de “religiões comparadas”, deu origem à ideia de uma *philosophia perennis* (ou Tradição primordial) que se acredita ser a fonte de todas as religiões e concepções esotéricas.

6. O elemento *transmissão* indica que os conteúdos esotéricos devem ser transmitidos ou comunicados; todavia, essa transmissão não se efetua de qualquer maneira. Isso sugere a emergência de um Iniciador e um sistema “legítimo” e “regular”.

¹⁰ Cf. A importância dada por Kant à imaginação como a condição de síntese entre as categorias e as sensações em sua estética transcendental, na *Crítica da razão pura*. O “esquema transcendental” seria o procedimento pelo qual a imaginação confere uma imagem para um conceito.

¹¹ Para uma abordagem mais aprofundada acerca do tema ver. DURAND, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*.

Isto se encontra de maneira bastante clara dentro de todos os sistemas iniciáticos ocidentais que podem ser investigados (maçonaria, rosacrucianismo, martinismo, etc.).

Todos os elementos expostos aqui sugerem um ponto de partida para o estudo do esoterismo e suas diversas correntes. A tentativa de Faivre em elencar seis elementos fundamentais não visa constituir um marco doutrinário para a área, senão assinalar a presença de pontos comuns aos mais variados discursos ou disciplinas esotéricas. Cada elemento pode variar hierarquicamente dentro de um determinado sistema, como também pode assumir posições metafísicas, teológicas ou cosmológicas diferentes.

3. O Problema da definição acadêmica de *esoterismo*

Wouter Hanegraaff no *Dictionary of gnosés & western esotericism* distingue duas perspectivas acerca do *sentido* do termo *esoterismo*: a) uma construção *tipológica* (*certos* tipos de atividade religiosa com sua estrutura específica); b) ou como um *tipo de religião* ou *dimensão estrutural* (associado a *certas* correntes históricas ou culturais da tradição ocidental) (HANEGRRAFF, 2006, p.337).

Existe aí o debate sobre a necessidade de restringir o âmbito do *esoterismo* à modernidade ou à contemporaneidade, caracterizado pela busca de um núcleo dominante para o estabelecimento de uma periodização ou demarcação histórica do esoterismo e sua definição.

Uma saída para uma definição apoiada em uma periodização seria delimitar uma corrente histórica específica, porém quais seriam os pressupostos para o acolhimento de uma corrente como definição de esoterismo?

Von Stuckrad critica a definição de Hanegraaff por ele usar duplamente o termo “certos” (*certain*) como vago para distinguir dois sentidos de *esoterismo*. O que há de racional nisso? (cf. Von Stuckrad, 2005, p.79). Poderíamos selecionar hermetismo, paracelsismo, new age, separadamente excluindo os demais, entretanto não teríamos uma definição geral do que seja *esoterismo*. Em vez disso ressalta-se o caráter de conhecimento rejeitado pela academia, no qual o próprio estudo do esoterismo retornaria excluindo certos componentes que integrariam sua própria definição. Isso sugere uma reflexão acerca dos pressupostos e preconceitos dos pesquisadores acadêmicos.

Segundo Von Stuckrad, alguns estudiosos preferem aplicar o termo *esoterismo* para um restrito contexto ou período, da mesma forma que autores evitam outras formas

de abordagens históricas, ou evitam o uso do termo *esoterismo* para não serem associados ao movimento moderno “new age” (Von Stuckrad, *idem*).

Ainda seguindo a crítica de Von Stuckrad, o desafio acadêmico de delimitação de campo e definição do conceito é imprescindível para fornecer um prévio quadro interpretativo no qual estes diversos estudos (hermetismo, alquimia, rosacrucianismo, maçonaria, new age, etc.) possam estar devidamente ancorados em seu devido lugar. A proposta de Von Stuckrad (cf. artigo nas referências) não é definir o esoterismo por meio das correntes históricas que a compõem, senão defini-lo como “um elemento estrutural da cultura ocidental”. Além disto, é necessário perguntar: qual a importância do esoterismo na “dinâmica da história ocidental”? e o que podemos “obter com o uso de uma ética do esoterismo”? (Von Stuckrad, 2005, p.80).

4. Conclusão: A possibilidade de estudo e o(s) método(s) do Esoterismo Ocidental

Se desejarmos abordar o *esoterismo* a partir de uma perspectiva que lhe seja própria, qual seria então o método próprio a essa empresa? O que fazem os principais autores e especialistas nesta área de estudo, tanto do esoterismo como no estudo de religiões, é apontar a emergência do método empírico¹².

O *esoterismo* (enquanto noção *restritamente* ocidental) remete para todo um conjunto de materiais para o qual um estudo conciso somente possuiria êxito se investigado dentro de seu restrito ambiente geográfico, histórico e cultural (FAIVRE, 1994, p.26), ou seja, o mundo greco-latino e judaico-cristão visitado pelo islã. Segundo Faivre a sua proposta de estudo do esoterismo é delimitar fronteiras nas quais os seis elementos fundamentais sejam encontrados todos juntos em um determinado período histórico e geográfico, no qual já existiria a necessidade de buscar nomes para designar tal fenômeno. Este método buscaria afastar todos os riscos de anacronismos ou inconsistências comumente encontrados em estudos pouco rigorosos ou aventureiros do esoterismo e das religiões.

A legitimidade da pesquisa se arvora na questão comum a todos os homens, ou seja, a busca pelas respostas acerca da perplexidade na qual o homem se encontra ao estar lançando em um mundo estranho e repleto de enigmas, o qual o faz indagar-se sobre si e sua existência. O esoterismo é tão antigo quanto o pensamento ocidental e as suas histórias estão entrelaçadas seja como visões de mundo, concepções religiosas e

¹² Empírico porque pretende sustentar a pesquisa em “materiais” delimitados dentro do espaço e do tempo. Não confundir com empirismo, pois não se trata de verificação.

metafísicas ou como desenvolvimentos científicos pelo qual percorreram até a modernidade.

De nenhuma maneira o estudo do esoterismo deve pretender-se científico – no rigor do termo –, nem inserir-se no âmbito do irracionalismo. Se admitirmos que apenas o que é “científico” ou “racional” produz “conhecimento” caímos em um poço sem fundo, o qual rejeita toda outra maneira (seja lógica, cognitiva, significativa) de pensar – compreender – o mundo. O pensamento esotérico possui sua própria epistemologia que os métodos hegemônicos rejeitam por não se enquadrarem neles. As ideias de *correspondência* e *magia* não fazem *sentido* em um mundo dominado pelos princípios de identidade, não-contradição e terceiro excluído. A “razão hermética” não deixa de ser “racional” ou produzir compreensão (em níveis ontológicos) por não ser redutível à lógica tradicional (a não-linearidade) ou fazer uso dela.

O estudo do esoterismo propõe resgatar uma maneira completamente válida - quando abordada metodologicamente - de atribuir *sentido* a um mundo muito amplo e passível de diversas aproximações, seja por parte da história da filosofia, do imaginário, do simbolismo, da antropologia, etc., como por sua própria via de acesso, a da “razão hermética”.

Antoine Faivre lançou os pontos coordenadores, dentre os quais podem ser acrescentados outros como fez Pierre Riffard (RIFFARD, 1996). A estes elementos fundamentais podem ser associadas abordagens que nos possibilitam se aproximar de nosso objeto. Abordagens particulares como a *semiose hermética* de Umberto Eco, no campo da semiótica, e a *hermetica ratio* em Gilbert Durand, na teoria do imaginário. Ambas, mais fortemente em Durand, partem da crise do pensamento moderno. Eco na contraposição entre a lógica formal-aristotélica e a lógica hermética; Durand na crise das ciências humanas e na contribuição epistemológica da “*hermetica ratio*”. Vemos que Durand pretende mostrar o retorno do princípio hermético da correspondência de dois modos: a profunda *metodologia* que sugere este princípio e a solução ao círculo, as reduções e fragmentações comuns às ciências sociais (DURAND, 1999, p.170).

De um ponto mais distante podemos evocar aqui a fenomenologia de Mircea Eliade ao expor de maneira brilhante a estruturação da realidade na mentalidade do homem primitivo. Partindo de uma compreensão da ontologia do pensamento arcaico podemos nos aproximar do esoterismo como uma construção particular da realidade fundada na ruptura de níveis ontológicos e no estabelecimento de outros níveis tanto

lógicos como ontológicos da realidade, como na relação entre ontologia e hermenêutica para a compreensão da relação entre homem e mundo.

O estudo do esoterismo pode, além de possibilitar outra maneira de compreensão acerca do real, ser também de grande importância para formulação de um pensamento ético ligado a situação do homem em relação com os outros homens e com a natureza.

5. Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ADORNO, Theodor. *As Estrelas Descem à Terra. A coluna de astrologia do Los Angeles Times. Um estudo sobre a superstição secundária*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DURAND, Gilbert. *Ciencia Del hombre y tradición: El nuevo espíritu antropológico*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1999.
- _____. *A Imaginação Simbólica*. Trad. Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1993.
- ECO, Umberto. *Os Limites da Interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- FAIVRE, Antoine. *O Esoterismo*. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- _____. *The Eternal Hermes. From the Greek God to Alchemical Magus*. Trad. Joscelyn Godwin. Phanes Press, 1995.
- FEYERABEND, Paul. *El Extraño Caso de la Astrología. In. ¿Por que no Platon?* Trad. María A. Albisu Aparicio. Madrid: Editorial Tecnos, 1993.
- FICINO, Marsílio. *Three Books on Life*. Tempe, Arizona: The Renaissance Society of America, 1998.
- GOODRICK-CLARKE, Nicholas. *The Western Esoteric Traditions. A historical introduction*. New York: Oxford university press, 2008.
- HANEGRAAFF, Wouter (ed.). *Dictionary of Gnosis & Western esotericism*. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2006.
- _____. *Empirical Method in the Study of Esotericism*. In. *Method & Theory in the Study of Religion*, Vol. 7/2, pp. 99-129, 1995.
- INICIADOS, Três. *O Caibalion: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia*. São Paulo: Pensamento, 2010.
- LAURANT, Jean-Pierre. *O Esoterismo*. São Paulo: Paulus, 1995.
- PICO della MIRANDOLA, Giovanni. *Discurso Sobre a Dignidade do Homem*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- RIFFARD, Pierre. *O Esoterismo. O que é esoterismo. Antologia do esoterismo ocidental*. São Paulo: Mandarim, 1996.
- Von Struckrad, Kocku. *Western esotericism: Towards an integrative model of interpretation*. In *Religion* 35, pp. 78-97. (2005)